

O DOURO E O PICO EM RAUL BRANDÃO: APROXIMAÇÃO DIALÓGICA

MARIA OTÍLIA PEREIRA LAGE*

Resumo: Donde as águas do Douro se confundem com as do Atlântico, Raul Brandão (1867-1930), mestre da moderna literatura lusófona, natural da Foz do Douro, ancoragem biográfico-cultural que informa a sua escrita «universal»¹, projeta em dinâmica pictoral e sensorial de «colorida visão»² e «paisagem sempre humana»³ estas duas espácio-temporalidades, nos livros de entrelaçamento literário: *Portugal Pequeno* (coautoria com Maria Angelina, 1930), e *Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens* (1926), duas obras ímpares da sua maturidade literária e fase solar⁴, pouco ou nada investigadas na perspetiva da paisagem, tema aí dominante. Relacionada com o caso das «paisagens-património», de múltiplas apropriações, a paisagem «representação de um sistema de relação entre natureza e cultura, portanto uma construção cultural sobre o território»⁵ é aqui revisitada no sentido de que não há senão «híbridos de natureza-cultura que se escalonam entre os dois extremos... onde as relações humanas não são

* Investigadora integrada do CITCEM. otialilage@sapo.pt.

¹ REYNAUD, 1995.

² TORGA, 1995.

³ LOPES, 1990.

⁴ CASTILHO, 2006.

⁵ RIBEIRO & RAMALHO, 2011.

puramente sociais, nem as coisas são puramente naturais»⁶. Faz-se uma aproximação comparativa a Douro e Pico, inscrições espaço-temporais de traços e rastros de culturas da vinha e fabrico de vinhos de fama mundial, assente na análise dialógica de um *corpus* textual brandoniano recortado em dois capítulos das obras referidas, respetivamente: *Duas Gotas* e *O Pico*, textos onde opera o sentir iconográfico da «surpresa rediviva... de testemunhar a inesgotabilidade do real... de solidariedade com a pobre gente do litoral continental e açoriano... um testemunho da vida mais intensa...»⁷. Ensaia-se uma abordagem entre literatura e socio-história orientada pela noção de «cronotopo artístico» (metáfora do «espaço-tempo» da teoria da relatividade de Einstein), que se explicita: «Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível, o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. [...] o processo de assimilação do cronotopo do tempo, do espaço e do indivíduo histórico real que se revela neles — têm fluido complexa e intermitentemente»⁸. **Palavras-chave:** Douro Vinhateiro; ilha do Pico; paisagens-património; Dialogia e Cronotopia; Raul Brandão; História e Literatura.

Abstract: Where the waters of the Douro are confused with those of the Atlantic, Raul Brandão (1867-1930), master of modern Portuguese literature, a native of Foz do Douro, biographical-cultural anchorage that informs his «universal» writing⁹ projected in pictorial and sensorial dynamics of «colored vision»¹⁰ and «always human landscape»¹¹ these two spatio-temporalities, in books of literary intertwining: *Portugal Pequeno* (co-authored with Maria Angelina, 1930), and *Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens* (1926), two odd-numbered works of his literary maturity and solar phase¹², little or nothing investigated from the perspective of the landscape. Related to the case of «landscapes-heritage», of multiple appropriations, the landscape «representation of a system of relation between nature and culture, therefore a cultural construction on the territory»¹³ is revisited here in the sense that there are only «nature-culture hybrids that are staggered between the two extremes... where human relations are not purely social, nor are things purely natural»¹⁴. A comparative approach is made

⁶ RHEINEBERGER, 2013.

⁷ LOPES, 1990.

⁸ BAKHTIN, 1988.

⁹ REYNAUD, 1995.

¹⁰ TORGA, 1995.

¹¹ LOPES, 1990.

¹² CASTILHO, 2006.

¹³ RIBEIRO & RAMALHO, 2011.

¹⁴ RHEINEBERGER, 2013.

to Douro and Pico, spatio-temporal inscriptions of traces and traces of vine cultures and world-famous winemaking, based on the dialogical analysis of a textual corpus of Brandão, cut out in two chapters of the mentioned works, respectively : *Duas Gotas* and *O Pico*, texts where the iconographic feel of the «renewed surprise ... of witnessing the inexhaustibility of the real ... of solidarity with the poor people of the continental and Azorean coast ... a testimony of the most intense life ...»¹⁵. An approach between literature and socio-history guided by the notion of «artistic chronotope» (Einstein's theory of relativity's «space-time» metaphor) is explored: «Here time condenses, compresses itself, becomes artistically visible, space itself intensifies, penetrates the movement of time, plot and history. [...] the process of assimilation of the chronotope of time, space and the real historical individual that is revealed in them - have flowing complex and intermittent»¹⁶.

Keywords: Douro Vinhateiro; Pico island; landscapes-heritage; Dialogue and Cronotope; Raul Brandão; History and Literature.

INTRODUÇÃO

*mestre ainda hoje sensível em muito do que, desde a sua obra, se tem produzido de mais impressionante na literatura portuguesa [...] Brandão reage com o êxtase da surpresa de cada manhã ou de cada árvore que viceja, do milagre deslumbrante e quotidiano da natureza, aliás feroz, que nos rodeia, a surpresa sempre rediviva de se estar vivo a testemunhar a inesgotabilidade do real*¹⁷.

No âmbito de um estudo sobre *praxis* e cosmovisão histórica de Raul Brandão [1867-1930], «caso relevante da força indestrutível do génio que o torna de hoje»¹⁸, revisitamos aqui textos literários, mais conhecidos do que estudados, sobre o Douro e o Pico, deste escritor maior da Foz do Douro¹⁹ a que a sua vida-obra sempre retornou, e o qual «com a sua colorida visão, animou algumas das paisagens mais profundamente humanas da nossa terra»²⁰, tema a carecer de investigação.

A sua obra polifacetada, impregnada de questões sociais²¹, onde relevam desigualdades e justiça, pobres, humildes e injustiçados anónimos da história²², a força

¹⁵ LOPES, 1990.

¹⁶ BAKHTIN, 1988.

¹⁷ LOPES, 1990: 119-120.

¹⁸ SENA, 1978: 65.

¹⁹ Intelectual entre-séculos e autor polifacetado, foi também jornalista, pintor, militar, memorialista e historiador.

²⁰ TORGA, 1995: IV, 378.

²¹ SOUZA, 2014: 181-189.

²² RIOS, 2012.

descomunal dos elementos naturais, a luta desproporcionada dos humanos em equilíbrio instável, interpelando forças e relações sociais em contraste, tem na performativa expressão estilístico-literária a maior singularidade que traz às letras portuguesas que influenciou por gerações sucessivas. A herança literária brandoniana marcou a moderna novelística nacional (Irene Lisboa, José Gomes Ferreira, Ferreira de Castro, Virgílio Ferreira, José Rodrigues Miguéis...),²³ escritores consagrados do Douro (Miguel Torga, Domingos Monteiro, Agustina Bessa Luís...)²³ e dos Açores (Vitorino Nemésio...) para além de inúmeros estudiosos, aquém e além Atlântico.

A aproximação comparativa que se ensaia a singularidades e similitudes do Douro e do Pico incide, num enfoque sócio-histórico e literário, sobre duas obras da maturidade literária de Raul Brandão e sua «fase apolínea e solar»²⁴: *Portugal Pequeno* (1930)²⁵, em coautoria com Maria Angelina²⁶, «uma obra prima da literatura infantojuvenil»²⁷ dedicada aos «filhos dos outros», «livro de ponte» que revela «uma maneira miúda e chã de ver Portugal, quotidianamente, que contrasta com o mítico Portugal... de Fernando Pessoa»²⁸; e *As Ilhas Desconhecidas: Notas e paisagens* (1926)²⁹, «um dos mais belos livros de viagens da literatura portuguesa»³⁰, «hino à paisagem marítima e pobres gentes dos Açores»³¹, que dedicou «aos seus amigos açorianos», como Vitorino Nemésio, que o acompanhou na digressão marítima pelos Açores e Madeira³², sobre que escreveu em «...invenções da linguagem... conciliando 'antigo e moderno'»³³ através de contrastes em Portugal continental e insular, «do papel da luz e da paisagem no moldar das comunidades humanas»³⁴.

Nestas obras «testemunho da vida mais intensa, ainda que trágica ou cruel»³⁵, revela-se «um fio de sociabilidade construído entre os amigos-escreitores»³⁶ e uma acentuada *dialogia*, marcas do processo criativo e escrita de Raul Brandão subjacentes ao *corpus* literário analisado: o capítulo *Dois gotas de água* (71- 86)³⁷, de *Portugal Pequeno* (cujas personagens são dois pequenos, «ele, o Russo de Má Pelo, filho do

²³ MACHADO, 1984: 114-115.

²⁴ CASTILHO, 2006.

²⁵ BRANDÃO & BRANDÃO, 1930.

²⁶ CASTILHO, 2006: 467-473.

²⁷ REYNAUD, 2000: 55; REYNAUD, 1995: 233-243.

²⁸ MACHADO, 1984: 111.

²⁹ BRANDÃO, 2011.

³⁰ SILVEIRA, 1953.

³¹ LOPES, 1990: 119-120.

³² De 8 de Junho a 29 de agosto de 1924, no âmbito dos movimentos autonomistas da época. In *Roteiros culturais dos Açores. Personalidades: Raúl Brandão*.

³³ MACHADO, 1984: 107-109.

³⁴ MARTINS, 2018: 54-63.

³⁵ LOPES, 1990: 120.

³⁶ BRAGA, 2014: 249-261.

³⁷ ROSA, 2013.

amo onde ela, a Pisca, serve»), e o capítulo *O Pico* (p.93-111), de *Ilhas Esquecidas: Notas e paisagens*.

Escritas na década de 1920, época de profunda crise nacional e mundial, estas narrativas/descrições brandonianas constituem como que a «marca de água» do reconhecimento e classificação do Douro e do Pico, paisagens culturais vinhateiras nacionais, valores de Património da Humanidade, ou «bem comum»³⁸ (pessoas, comunidades e seres vivos) suposto pelo desenvolvimento sustentável³⁹ em «satisfazer necessidades das atuais gerações sem comprometer a capacidade para as gerações futuras satisfazerem as suas, salvaguardando a capacidade do planeta para abrigar a vida em toda a sua diversidade»⁴⁰.

1. APROXIMAÇÃO A DOURO E PICO PELO DISCURSO LITERÁRIO DE RAUL BRANDÃO (1920)

O discurso literário de Raul Brandão, «poeta da prosa», no dizer de Jorge de Sena, que assinala «a sua visão arrebatadora da humanidade» e «a violência da sátira social directa e amarga», faz-se no cruzamento entrecortado de vários planos, de zonas descontínuas e de convecção que apelam assim a dimensões e conhecimentos múltiplos. Parecendo inicialmente saído de um sonho espraia-se por grandes extensões onde a luz impera sob sombras⁴¹. Não segue a lei da causalidade nem o operador do terceiro excluído, princípio de razão, o que o torna precursor da modernidade e do pensamento contemporâneo.

Como nenhum outro autor, Raul Brandão escreveu páginas únicas e memoráveis sobre os «espaços-tempos» do Douro e da ilha do Pico e «o indivíduo histórico real que se revela neles...»⁴², tendo-nos legado um património literário, cultural e histórico ímpar de suas ambiências socioculturais e ambientes ecofísicos (territórios, climas, solos, faunas, floras).

A escrita literária de Raul Brandão, embebida de outras formas de linguagem como a pintura, a fotografia e o cinema que então se popularizava, trabalha, em elementos naturalistas e simbolistas de que foi pioneiro e em linguagens impressionistas e expressionistas, «paisagens naturais, sociais e humanas», como as do Alto Douro Vinhateiro e as da Ilha do Pico. Possibilita entrever na costa marítima do Pico: o trabalho de arrumação da pedra partida das projeções de lava que o tempo petrificara. E no Douro: a prodigiosa ação em redes locais e efeitos globais do trabalho de homens,

³⁸ Noção potencialmente operativa em investigações participativas. A abordagem participativa envolve uma conduta federativa de atores diversificados, mobilizados por uma perspectiva comum que emana de um contínuo trabalho coletivo (SGARD, 2011: 236).

³⁹ ADAMS, 2006.

⁴⁰ PATO *et al.*, 2013: 334.

⁴¹ VIÇOSO, 1999.

⁴² BAKHTIN, 1988: 211.

mulheres e crianças em confronto com a geomorfologia de terrenos rochosos, refeitos, na longa diacronia, por mão humana.

O que distingue e surpreende na escrita de Brandão é a sua própria colocação no que descreve e narra, compondo as impressões que as coisas lhe dão, como sentimento, e dando-as a ver em composições de linguagem, ora intensamente estáticas ora em movimentos rápidos apreendendo as mutações no material impressionado. Não reproduz um real que sempre segue suas linhas de desenvolvimento, mas constrói, na linguagem, a realidade do que dá a ver. Chega a criar o efeito de que é a própria escrita que segue a sua linha de desenvolvimento, disseminando-se, sem que o autor a possa conter, nem aliás, o queira. Aí, é o movimento descontínuo, a fragmentação dos fenómenos, a incerteza e a imprevisibilidade do mundo que nos são espantosamente reveladas.

Exige então uma abordagem cronotópica onde se destacam «as relações dialógicas existentes nos enunciados concretos elaborados no processo da interação socio-histórica»⁴³ a qual permite uma análise comparativa entre as duas espaço-temporalidades que nos surgem ancoradas em «cronotopos artísticos» identificados no *corpus* literário.

1.1. Cronotopia e interação dialógica⁴⁴

«Aqui o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível, o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história. [...] o processo de assimilação do cronotopo do tempo, do espaço e do indivíduo histórico real que se revela neles» — têm fluido complexa e intermitentemente. Os índices do tempo transparecem no espaço e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e a fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico⁴⁵.

Assim no cronotopo artístico-literário, categoria formal e de conteúdo, derivada do espaço-tempo da teoria da relatividade einsteiniana, ocorre, segundo M. Bakhtin (1895-1975), teórico do «formalismo russo», a fusão dos indícios espaço-temporais onde se revela o indivíduo histórico real, num todo compreensivo e concreto, tal como sucede no conhecimento histórico cujos pilares são tempo, espaço e ação humana.

Esta perspetiva histórico-filosófica de espaço-tempo aberto e coletivo, de liberdade e criação humana⁴⁶, que acompanha «a inscrição e materialização do tempo no

⁴³ MACHADO, 1996: 89-105.

⁴⁴ BAKHTIN, 2010b: 307-335.

⁴⁵ BAKHTIN, 1988: 211-362.

⁴⁶ FIORIN, 2006: 210-215.

espaço da representação»⁴⁷ é caracterizada pela interdisciplinaridade, diversidade e heterogeneidade próprias do pensamento inovador de M. Bakhtin, para quem

*o escritor é aquele que sabe trabalhar a língua, estando fora dela, que tem o dom do falar indirecto; exprimir assim, significa fazer de si objecto para o outro e para si mesmo [e em que] as relações dialógicas [são] relações ‘semânticas’ entre toda a espécie de enunciados na comunicação discursiva*⁴⁸.

Também em Raul Brandão «uma mesma língua é coabitada por falares diversos, linguagens sociais dinâmicas que se cruzam atravessadas pelo social e pela história»⁴⁹. A estrutura da linguagem verbal pressupõe o diálogo entre diversos sujeitos, com a consciência de que a linguagem é sempre herdada, estando o escritor imerso numa língua de muitos falantes (vivos e/ou mortos, «fantasmas», antepassados e os ainda por vir). Daí que a dialogia seja a matriz do seu discurso literário que se revela por posições estruturadas contrastantes mediadas pelo «sonho que transforma o homem e que é, para Brandão, o essencial na vida»⁵⁰.

O dialogismo brandoniano é frequentemente impregnado de cronotopos que dão a contextura espaço-temporal onde se movem sujeitos históricos, especialmente, os humildes, esforçados e anónimos — trabalhadores, mulheres em destaque, e crianças — que nele são os próprios desencadeadores do discurso literário. No caso concreto destas suas duas obras, o dialogismo atinge desde logo a própria autoria de *Portugal Pequeno* e capítulo «Duas gotas de água» sobre o Douro, enquanto nos capítulos «o Pico» e «Ilha Azul» (Faial) de *As Ilhas Desconhecidas...* se evidenciam manifestações polifónicas em que se verifica a plenitude da sua escrita que dá a ver o «o real» literariamente construído, sem o imitar.

2. ABORDAGEM CRONOTÓPICA AO DISCURSO LITERÁRIO BRANDONIANO SOBRE DOURO E PICO

A conceção de tempo-espaço presente na obra de Raul Brandão é a de um tempo-espaço não linear, ora cíclico ora sobreposto de várias temporalidades/espacialidades, com vozes emergentes que dialogam em diversos planos e cenas que compõem seu discurso literário.

O cronotopo organizador no Douro, é o ciclo da água figurando a fragilidade de duas gotas que engrossam até ao caudal do rio que rompe o pedregulho interposto na sua cavalgada para o mar, a do homem e da mulher que se obstinam em armar

⁴⁷ RODRIGUES, 2013.

⁴⁸ BAKHTIN, 2010b: 307-335.

⁴⁹ PIRES *et al*, 2016: 119-126

⁵⁰ MARTINS, 2018: 62.

o terreno em socacos e subsistência duríssima, para que do esmagamento das uvas brote o vinho fino qual sangue bíblico: «Que diabo de figura é esta, para quem olho com respeito, que se atreveu com o pedregulho e o abriu a marreta e a ferro, e às vezes a dinamite, até pulverizar o chão para lhe meter os bacelos?»⁵¹.

Já sobre o Pico «eterno... estranho, suspenso no céu e pousado entre nuvens brancas, que projeta, ao raiar da primeira hora do dia, a sua sombra nas águas do Oceano Atlântico», o cronotopo organizador, a formação e inscrição geomorfológica, condensa o muito longo tempo geológico e sua ação, o tempo da vida emergente da lava e cinzas vulcânicas e da existência humana no espaço insular.

2.1. O Douro

Ainda sobre o Douro, identificam-se no texto literário brandoniano os seguintes cronotopos secundários: cultura vitivinícola; caminho/via fluvial; faina fluvial; metrópole/porto de chegada e de partida.

No cronotopo da cultura vitivinícola, «o Vale do Douro... de que o homem obstinado extrai a melhor fruta do mundo e o melhor vinho do mundo o líquido dourado que sabe a sol e é um extracto de sol»⁵² surge-nos em:

*cenários sobre cenários nos dias soturnos em que o fraguado lhes parecia ainda mais trágico, com o rio esganado entre pedras e montanhas socalcadas pelo homem, para aguentarem alguns bocados de terra a esboroar-se. O Alto Douro, a terra do vinho fino, é também a terra dos panoramas tétricos dos sítios onde reina a febre das povoações concentradas, recozendo ao sol a fealdade*⁵³.

A dada altura, «as duas gotas de água» interrogam:

Qual foi o segredo que fez produzir uma terra só ossos? A gente olha para os bagos de âmbar transparente, para os moscatéis que fazem chegar a água à boca, para os cachos dourados com uma pele muito fina, e custa-lhe compreender que seja a dor que produziu tudo isto. E é a dor da videira torcida ao sol, gritando maldição porque não consegue naquele cascalho, por mais que penetre com as raízes, encontrar algum suco. E a dor deste homem, que se sujeita, lívido de febre e com a magra companheira ao lado, a viver preso à terra maldita e abençoada. Sujeta-se e range, obstina-se. Foi ele que a criou, pelo menos tanto como Deus, e

⁵¹ BRANDÃO & BRANDÃO, 1930: 72-73.

⁵² BRANDÃO & BRANDÃO, 1930: 71-86.

⁵³ BRANDÃO & BRANDÃO, 1930: 74.

*que não encontrando água para regar, a substituiu pelo suor do seu rosto. Negra vida. Como resistiu à labareda? Como pôde viver dentro daquele forno? Amando a terra*⁵⁴.

Na genial composição literária desta narrativa, os sujeitos de enunciação, duas gotas de água, transformam-se em contacto com ínfimos fios de água, lama, gelo, neveiro, riachos, pequenos ou grandes caudais do rio Douro e percolam os enunciados o mais dentro possível da materialidade que se descreve e narra. Isto sem nunca se perder a sua frágil e periclitante identidade nos avassaladores obstáculos até chegar ao mar largo, permitindo assim retrazar o trajeto da penosa e grandiosa produção do vinho até ao porto da sua exportação para o mundo.

*Deslizaram na água entre pedras, num rio de estanho fundido, que parecia correr sobre ossadas e destroços. Às vezes cachões, redemoinhos, dornas. Um dia estiveram para desaparecer abafados na água, perdido de todo um resto de individualidade. Saltaram na espuma, irizou-os o sol, e foram ter a um côncavo na areia onde repousaram. Livres de perigo? Uns pássaros vieram beber e por pouco os não engoliram. Eram os corricões que vivem na duna, da cor da areia, e que quando veem gente se deitam de pernas para o ar — dizem os barqueiros — sendo difícil distingui-los do chão. [...] Escaparam por milagre e lá voltaram a descer o Douro que ia alargando*⁵⁵.

Outro cronotopo é o do caminho ou a via fluvial percorrida pelos barcos rabelos, etnograficamente descritos e que Raul Brandão acompanha «entre montanhas de bronze que põem a alma negra e que estão à espera que se passe uma tragédia», descrevendo como se estivesse a fotografar todas as componentes dos barcos rabelos, pipas, pedras e olhos de água e ao mesmo tempo a filmar gestos, movimentos, ventos dos vales, redemoinhos, equilíbrios de arrais e marinheiros «à escota arriscando a vida, remando agarrados às pás».

São estes barcos estrambóticos que fazem todo o tráfego do Douro. Carregam pipas, cortiça, casca, madeira, gente; e quando vem o Inverno e «anda o rio grande», o movimento nunca se interrompe. Os homens intrépidos, de pé sobre a péga-da — o nome da gaiola onde vai o arrais — manobram com decisão a espadela, metendo a charroa na água e imprimindo direcção ao barco. É preciso fazê-lo sem um movimento falso, sem um segundo de hesitação, nos sítios perigosos, descendo

⁵⁴ BRANDÃO & BRANDÃO, 1930: 72-73.

⁵⁵ BRANDÃO & BRANDÃO, 1930: 74.

os galeiros como quem cai por uma corda abaixo [...]. Ali é que é vê-lo, ao barqueiro em ceroulas a manobrar a charroa na água como se quisesse lavar no campo! Quatro casqueiros, meia dúzia de cavernas, a gaiola em cima e o homem em equilíbrio na quitanda, tendo de descer lá do Alto até ao Porto com aquelas pipas todas, agarrado à espadela, olho na água, olho nas pedras agudas como dentes... O barco oscila, põe-se de pé — e ele lá vem, já desce. Como se aguenta? Arriscando a vida⁵⁶.

O quarto cronotopo que faz a ponte entre o Douro rural servido pela via férrea e o Porto urbano, comercial e industrial, exportador do vinho fino, define-se no movimento intenso e sonoro da faina fluvial duriense⁵⁷, através de redes textuais cinéticas de diferentes planos e variadas cenas.

À medida que o rabelo desce — agora com serenidade e ao fio de água — melhor se avalia o trabalho das mulheres, do rapazio nu, dos pescadores que lançam a rede à tainha ou a fiska à enguia (o sável e a lampreia sobem no seu tempo até à Barca de Alva), ou secam as redes nos varais; dos homens que carregam, atirando para os barcos o carvão, a chamiça, ou as maroixas de lenha rachada e amontoada nas margens. Tudo trabalha, e é para o Porto que sustenta o lavrador e o homem do rio. Arrastam-se os pesados carvoeiros em flotilha, todos negros como pretos da Guiné. Serra-se a madeira, vomitam fumo as chaminés das fábricas, e lado a lado o homem e a mulher esbelta remam no mesmo barco. Tudo consiste em aproveitar a maré e o vento favorável [...].

Estamos a dois passos da grande cidade. [...] Entre um rasgão do arvoredo avança para nós uma massa cinzenta e confusa com o recorte de uma igreja [...] numa miscelânea de casas de chaminés de fábricas, tudo enfumado e indeciso. Chega até ao barco o apito de um comboio. E pouco e pouco a cidade aproxima-se com uma auréola de cinza e prata e o rio empoado de roxo. Ao lado, em dois riscos, o arco da ponte de D. Maria e do outro lado, numa só tinta, o morro espesso de Gaia. Depois outra ponte. Da água um faiscar às chapadas onde arde lume dourado. Por fim, a Ribeira velha e carcomida, cheia de povo, de mulherio, de gritos... Um escadinhas, uma feira de fruta. Desembarcamos no Porto⁵⁸.

⁵⁶ BRANDÃO & BRANDÃO, 1930: 71-86. Ver também *Guia de Portugal*, (DIONÍSIO, 1985: 10-12).

⁵⁷ Contemporâneo deste livro é, *Faina Fluvial*, 1931 filme documentário mudo de Manoel de Oliveira, época do cinema sonoro em Portugal.

⁵⁸ BRANDÃO & BRANDÃO, 1930: 75-85. Cotejar texto original do escritor *Ao Porto pelo Rio Douro* in *Guia de Portugal* (PROENÇA, 1929: 532-533). Ver ROSA, 2013: 466-469.

Este cronotopo artístico é atravessado por uma condensada reflexão sobre o processo sócio-histórico e político impregnado de sátira social, culminando numa projeção de pendor messiânico, próprios do estilo literário inconfundível brandoniano

as duas gotas de água saíram do rio com o nevoeiro e foram passear pela cidade. Viram a praça e aquelas ruas íngremes uma de cada lado — a dos Clérigos com um grande dedo apontado para o céu, como se esta cidade utilitária e prática fosse uma cidade franciscana, e na praça a estátua de um homem a cavalo que nunca consegue sair do mesmo sítio. Quem foi? Foi um ingénuo que quis dar ao seu país a liberdade, quando o seu país não se importava com a liberdade para nada. Então deu-lhe a força; deu-lhe a Carta que os homens trataram como um trapo. Rodeavam-no algumas figuras excepcionais, um Mouzinho da Silveira, um Herculano, um Garrett, que tentaram renovar o país com ideias, livros, leis, reformas, esquecendo-se do principal — de o ensinarem a ler. E é um problema cuja solução legamos ao futuro⁵⁹.

Um quinto cronotopo onde ressalta a presença do indivíduo histórico no tempo-espaço identifica-se num fragmento cenográfico em torno da metrópole comercial de aspiração mundial, escondendo-se e deixando-se vislumbrar entre contrastes.

O nevoeiro sobe, ascende dá a esta cidade de trabalho, em que o burguês é rei, com a porta fechada e o dinheiro na burra – o seu verdadeiro carácter [...]. Há nesse Porto, filho do rio e do mar, poentes extraordinários apertados entre os paredões formidáveis das margens [...]. Outra vez a cerração desaparece. Poviléu. Ruelas. A Sé acastelada com varandas de granito e serpentes feitas pelos pedreiros. A Misericórdia com paredes monstruosas [...] subterrâneos onde se passam de certo coisas terríveis entre a doença e os doentes... [...] a noite procede por grandes massas confusas ascendendo dum lado desde o Barredo até ao Paço Episcopal; do outro desde o fundo até uma mescla assombrosa, que parece despenhar-se, picada de lumes, no rio cheio de grandes barcaças, de vapores ancorados, de confusão e riscos inexplicáveis. [...] constrói-se a essa hora uma cidade estranha e desmedida, sórdida e esplêndida, uma cidade [...] que, se não é a mais bela, é a mais pitoresca que conheço no mundo, só me recordando de outra que me tenha feito igual impressão — o Pequim alucinatório descrito por Fernão Mendes Pinto⁶⁰.

⁵⁹ BRANDÃO & BRANDÃO, 1930: 85.

⁶⁰ BRANDÃO & BRANDÃO, 1930: 85-86.

2.2. O Pico

*ninguém me tira dos olhos, este extraordinário Pico, a duas cores, cinzento e negro, e presidindo, como uma grande figura no meio do oceano, a todo o Arquipélago dos Açores*⁶¹.

O cronotopo organizador da escrita brandoniana sobre a ilha do Pico condensa a ação do muito longo tempo geológico, o tempo da vida emergente da lava e das cinzas vulcânicas, da existência humana na insularidade do espaço onde um gigantesco Pico projeta, ao raiar da primeira hora do dia, a sua sombra nas águas do Oceano Atlântico, cerca de 2.000 Km distante da costa portuguesa e de 4.000 km da costa americana.

*Isto que de longe era roxo e diáfano, violeta e rubro, conforme a luz e o tempo, aparece agora, à medida que o barco se aproxima, negro e disforme, requeimado e negro, devorado por todo o fogo do Inferno. É um torresmo. Nunca labareda mais forte derreteu a pedra até cair em pingos e desfazer-se em cisco. [...] Há por aí buracos e furnas onde a lava formou colonatas e estalactites azuladas, grandes cachos pendentes, derretidos pelo calor e solidificados pelo resfriamento. Esta ilha — a maior dos Açores — é negra até às entranhas, na própria terra, na bagacina das praias, no pó das estradas, nas casas, nos campos divididos e subdivididos por muros de lava, nas igrejinhas das aldeias, requeimadas e tristes. [...] A fuligem caiu sobre a vasta terra e só de quando em quando um grande plaino cinzento, os mistérios, sucede ao negrume como a lepra ao incêndio. Mas o azul é mais azul nos sítios em que um corredor de basalto tem uma saída para a amplidão do mar (sítio da Furna), O esguicho que entra por ali dentro tem uma vida extraordinária. [...] É o Pico na sua verdadeira expressão. [...]. É esta paisagem mineral que dá carácter à ilha magnética. [...] Absorvo-me na extraordinária paisagem mineral, no panorama que saiu intacto das entranhas do fogo*⁶².

Sob este cronotopo principal que transporta consigo a noção da descomunidade que se impõe às exíguas forças humanas, organizam-se, com essa marca estável, vários cronotopos de diferentes tipologias.

Em primeiro lugar, o da cultura da vinha e fabrico do vinho — granjeio da vinha rasteira de cepas retorcidas e raízes profundas nos interstícios da pedra mais antiga descoberta pela ação humana com o trabalho de decapagem da lava arrefecida pelo

⁶¹ BRANDÃO, 2011: 108.

⁶² BRANDÃO, 2011: 93, 105.

tempo, pedra vulcânica partida e «arrumada» em «currais», muros geométricos de retângulos e quadrados confinantes numa bordadura negra onde se destacam também os «currais» circulares de figueiras de baixo porte, ao abrigo da ventania. Nesta paisagem natural-humana socioculturalmente construída se produz um vinho secular e uma aguardente de figo refinada que configura o vinho do Pico de cor e travo especiais, o qual, pelos ciclos da sua exportação, a tradição popular picarota ainda hoje reclama de bebida de czares.

A vinha tem fama no mundo. O vinho branco do Pico, feito de verdelho e criado na lava, é um líquido com um pique amargo, cor de âmbar e que parece fogo. Levantam uma pedra, atiram um punhado de terra para o buraco e a videira deita raízes como pode, abrigada no curral pelos muros e estendida no chão sobre calhaus. Só lhe levantam um pouco as varas quando o cacho está perto de amadurecer. O Pico já deu milhares de pipas de vinho, que exportava quase na totalidade para a Rússia. [...] a água parece inteligente e piedosa, e a vinha e o souto, neste grande deserto, entre a pedra devorada, representa o triunfo do homem sobre as forças brutas da natureza⁶³.

Na arreigada reverência de profunda devoção e religiosidade em torno do Espírito Santo, profusamente marcada no território picoense por ermidas e capelas encimadas por cruces e pombas, e materializada na confeção/partilha do pão nos «impérios» que sustentam procissões, evidencia-se a percepção e sentir humano do apelo ao sobre-humano, face ao descomunal desafio das condições de vida comum. O tempo assombrado pela eternidade define este terceiro cronotopo.

Um rapaz no poleiro enxota os pássaros mais atrevidos com a funda. Emerge dum jacto, esguio, de pé, na atitude clássica, e a pedra que sai da funda vai como uma bala até ao bando, que levanta voo, enquanto ele, imóvel e de braço estendido, solta um grito rouco. Saúdam-nos os picarotos do chapéu de palha por cima do lenço e albarcas nos pés, e raparigas de pele acobreada que tiram água dos poços. Os casinhotos escuros são muito limpos por dentro. Nalgumas destas aldeias denegridas vive-se como há trezentos anos, com meia dúzia de ideias e um padre, com os sentimentos do passado e um padre⁶⁴.

Um outro cronotopo que se interliga dialogicamente com os dois anteriores, sob o princípio organizador do primeiro, é o da festa popular de S. Marcos⁶⁵, a 25 de

⁶³ BRANDÃO, 2011: 94-95.

⁶⁴ BRANDÃO, 2011: 105.

⁶⁵ BRANDÃO, 2011: 101-102.

Abril, onde os valores que pautaram a vida ao longo do ano são alvo da irreverência popular absoluta, atingindo os limites do mais grotesco e chocante, nessa verdadeira «noite dos diabos», em que os homens casados apodados de «cornudos» se perdem no vinho e desafiam os valores de família e da moralidade instituída, apostrofando as mulheres que ripostam em defesa da honra.

no dia de S. Marcos acabam os gestos pautados, as palavras medidas, e vem outro mundo cá para fora, mais grotesco que o entrudo, mais profundo..., porque a acção neste dia é representada pelos mortos — painel onde se veem as fisionomias gastas dos piteiros e atrás delas outras caras em osso que teimam em vir à superfície; folia estranha, onde além do homem há outro homem no tablado, onde os gritos e a chacota da malta pertencem mais aos fantasmas que aos vivos. A irmandade de S. Marcos, só de homens casados, armou um altar com coroa de cornos muito bem ornamentados e um corno maior em evidência no alto. À porta a malta espera e agarra-se ao primeiro que passa na rua lóbrega e que é obrigado a beijar o emblema retorcido.

— Venha beijar o corno, que bem o merece!

— É da confraria este nosso compadre!

Agora completem o quadro: a turba violenta e espessa a cair de bêbeda — porque um dos devotos mais ricos do Pico põe neste dia a adega à disposição da irmandade [...]»⁶⁶.

Um quinto cronotopo é o da caça à baleia, (a que o escritor dedica capítulo próprio⁶⁷) atividade que se desenvolveu com maior intensidade a partir da freguesia das Lajes do Pico, depois que a filoxera (décadas de 1870-80), surgida no Pico em 1873, destruiu a vinha e o trabalho vitivinícola até então dominante e cujas exportações do vinho para os EUA decresceram drasticamente⁶⁸.

As duas estradas que partem da Madalena pelo litoral e abraçam a ilha, acabando uma um pouco adiante de S. Miguel Arcanjo e a outra nas Lajes, servem algumas das freguesias do Pico, quase todas à beira-mar, e todas elas com a sua especialidade: Santa Luzia é a freguesia das figueiras, S. Roque a dos vinhos, Prainha a do milho e do trigo, Santo Amaro, perita na construção de embarcações, trabalha também em esteiras, e o Cais do Pico e as Lajes passam por ser as duas grandes freguesias da pesca da baleia. Os picarotos são os mais destemidos homens do mar do arquipélago, tismados, secos, graves e leais. Nos altos, no mastro com

⁶⁶ BRANDÃO, 2011: 98-101.

⁶⁷ BRANDÃO, 2011: 111-121.

⁶⁸ MENESES, 2010: 177-186.

uma espécie de cesto de gávea, todo o dia um homem, de óculo em punho, vigia o mar e espera a baleia [...].

— *Mas vocês não sentem isto? Este cheiro horrível?*

— *Este cheiro, cheira-nos sempre bem. É sinal de dinheiro*⁶⁹.

Nestes cinco cronotopos artístico-literários de tipologias estáveis identificados nos textos brandonianos sobre o Douro e o Pico ocorre, num todo compreensivo e concreto, a inter-relação dialógica dos indícios temporais, espaciais e dos indivíduos históricos reais que neles se revelam, configurados numa sucessão dialógica em espelho de quadros, constelações e figurações.

3. ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOURO E PICO, PAISAGENS CULTURAIS VINHATEIRAS

A partir daí, na abordagem agora feita a estas duas espaço-temporalidades, em «correlação estrutural»⁷⁰ ou iluminação recíproca, onde o vinho se revela como «história, cultura e identidade...», privilegiam-se «posições» e «correspondências estruturais» que definem «jogos de similitude e diferença detectáveis, ilustrativos da complexidade das relações possíveis entre local e global no contexto contemporâneo»⁷¹.

O termo de comparação aqui usado supõe a «intertextualidade» e «hetero-referencialidade» destes textos brandonianos literário-cinematográficos e equivale aos «cronotopos» principais ou organizadores que supõem os cronotopos secundários e se traduzem no elevado grau de hibridiz natureza-cultura em que o que é do domínio da cultura surge «paisagificado» como se fosse natural, qualidade comum a situações e objetos a comparar. A literatura possibilita o regresso à centralidade do tempo, funde passado e presente e pode trazer de volta toda uma vida no gosto de reviver momentos felizes e aprender com os tropeços; permite ainda o cotejo do espaço evidenciado pelo «eu poético», através da relação do homem com o espaço que ocupa, assim como a representação do espaço memória que impulsiona o fazer/sentir poético.

A partir deste enquadramento teórico-metodológico, podem estabelecer-se, para além de outros, os seguintes paralelismos entre Douro e Pico.

1. A primeira e fulcral comparação estabelecida a partir do cronotopo organizador de cada uma das duas regiões vinhateiras é a do aproveitamento do próprio território, de dimensão e características diferentes, com origens geológicas, fatores edafoclimáticos e morfológicos, e fisionomias paisagísticas que, embora diversas, apresentam, ao nível do processo de sua exploração económico-social, condições igualmente tornadas favoráveis à cultura vitivinícola.

⁶⁹ BRANDÃO, 2011: 94, 108-109.

⁷⁰ LAGE, 2018.

⁷¹ RIBEIRO & RAMALHO, 2011: 412.

2. Semelhantes condições leva(ra)m a um idêntico esforço sobre-humano de armação dos terrenos: no Douro, as rochas xistosas com intrusões e afloramentos graníticos e a escassez de terra arável, «o pedregulho», e a acentuada *secura* do clima; no Pico, a rocha vulcânica e negra, «o torresmo», a maior humidade e um regime agreste de ventos acentuando a imprevisibilidade do *habitat*. Em ambos os casos, foi a ação humana, adequada às respetivas configurações, que criou as condições necessárias à frutificação das videiras do Douro (pelo enchimento de terra dos calços ou geios) e/ou das parreiras do Pico (pelo reticulado dos currais) e subsequente produção de vinhos de fama mundial.

3. A partir deste eixo ou cronotopo central, escalonam-se diferenças e similitudes, desde a formação e composição geológica dos terrenos ao regime climático a que estão expostos, passando pela ação do trabalho humano na armação dos terrenos e preparação para a cultura da vinha, até às penosas tarefas vitícolas culminando na colheita das uvas e subseqüentes operações de produção vinícola com produtos finais diferenciados, mas de qualidade superior.

4. Entre o cronotopo organizador de ambas as espácio-temporalidades e os cronotopos secundários, há implícito um conjunto de feixes de conformações económicas, sociais e culturais, desde as formas de escoamento do produto, à retenção e distribuição do valor produzido até as modalidades de suprimento de rendimentos em situações de escassez devidas a desastres naturais, doenças das vinhas, crises comerciais, etc. que podem e devem ser comparadas.

Os modos como as populações do Douro e do Pico têm procurado responder às características endógenas destes dois territórios, mobilizando os recursos a que têm acesso, constituem um outro feixe fundamental de comparação. É também no plano da vivência cultural e religiosa, de propensão ancestral para a fatalidade perante a descomunalidade das forças enfrentadas, que se encontram, a nível económico, sociocultural e simbólico, formas comparáveis de reação, por surtos migratórios, das comunidades das duas regiões vinhateiras.

5. Destaca-se ainda, a correlação económico-social entre Douro/cidade do Porto e Pico/Faial (cidade e porto da Horta), realidades imbricadas em similares condições históricas de retenção do valor auferido com a vinicultura, processo situado, em ambos os casos, fora do local da produção. Entre o Pico e o Faial, «vale dos flamengos» e de proprietários de terras e vinhas no Pico — o «ilhéu iluminado», como hoje, os picarotos designam o Faial, em comparação com mais dois ilhéus que do Pico se avistam, o «em pé» e o «deitado» —, sempre houve estreitas relações históricas inscritas na própria cultura da vinha, fabrico e exportação do vinho, como similarmente tem sucedido nas relações históricas entre o Vale do Douro e o Porto.

Esta correlação estrutural histórica entre as duas paisagens culturais vinhateiras deve ser compreendida em suas múltiplas dimensões, variáveis, tensões socioculturais e simbólicas, à luz da «intuição sincrética»⁷², conceito que opera na interpretação histórica do nível mais imediato para o intermédio e um superior, em três temporalidades: curta, média e longa duração. Esta noção adapta-se perfeitamente às potencialidades de análise do discurso literário brandoniano, impregnado das artes visuais, na medida em que:

*permite tratar a obra de arte como um sintoma de algo mais que se expressa numa variedade incontável de outros sintomas [...]. A descoberta e interpretação desses valores 'simbólicos' [...] é o objeto do que se poderia designar por 'iconologia' em oposição a 'iconografia'*⁷³.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aproximação dialógica a Douro e Pico em Raul Brandão permitiu observar a inserção da história nos textos literários estudados, à luz de que «na literatura, a imagem representa os fenómenos espaciais e sensoriais no seu movimento e na sua transformação, introduzindo no plano artístico da ficção os momentos essenciais da realidade temporal e, até um certo limite histórico»⁷⁴.

A análise transversal feita à projeção ficcional polifónica, artística e performativa da escrita universal de Raul Brandão possibilitou uma abordagem comparativa a estes dois territórios, a partir dos «cronotopos artísticos» que permite intuir e sublinhar alguns dos recursos próprios em transformação, a potenciar à escala glocal contemporânea.

Pretendeu-se, assim, contribuir para estudos comparativos mais aprofundados que possibilitarão, no seu conjunto, destacar potencialidades intrínsecas de valorização e sustentabilidade destas paisagens culturais vinhateiras nacionais património mundial, em processo contínuo de mudança, reconfiguradas enquanto «bem comum» da Humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, W. M. (2006) — *The Future of Sustainability: Re-thinking Environment and Development in the Twenty-first Century*. Gland: IUCN. Report of the IUCN Renowned Thinkers Meeting, 29-31 January 2006.
- BAKHTIN, Mikhail (1988) — *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Ed. UNESP/Ucitec.
- ____ (2010a) — *Estética da criação verbal*. 4.^a ed. São Paulo: Martins Fontes.

⁷² PANOFKY, 1970.

⁷³ PANOFKY, 1970: 53.

⁷⁴ BARBOSA, [s.d.].

- (2010b) — *O problema do texto na Linguística, na filologia e em outras Ciências Humanas*. In BAKHTIN, Mikhail — *Estética da criação verbal*. 4.ª ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 307-335.
- BARBOSA, Márcia Helena Saldanha [s.d.] — *O Cronotopo e a inserção da história na narrativa de Dyonélio Machado*. Disponível em <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturals/marcia_barbosa.html>. [Consulta realizada em 2/3/2018].
- BRAGA, Débora Renata de Freitas (2014) — *A Farsa e El-Rei Junot, subversão e decadência*. In RIOS, Otavio, org. — *Raúl Brandão: um intelectual no entre-séculos (Estudos para Luci Ruas)*. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, p. 249-261.
- BRANDÃO Raul (2011) — *Ilhas Desconhecidas: Notas e Paisagens*. Lisboa: Quetzal.
- BRANDÃO, Raul; BRANDÃO, Maria Angelina (1930) — *Portugal Pequeninno*. Lisboa: Edição dos Autores/Ática. Tip. da «Seara Nova». Desenhos de Carlos Carneiro.
- CASTILHO, Guilherme (2006) — *Vida e Obra de Raúl Brandão*. Lisboa: IN-CM.
- DIONÍSIO, Sant'Anna, dir. (1985) — *Guia de Portugal*. 2.ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 10-12. Vol. IV: Entre Douro e Minho, I. Douro Litoral.
- FIORIN, José Luiz de (2006) — *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.
- LAGE, Maria Otilia Pereira (2018) — *História Comparada e método comparativo historiográfico: problemáticas e propostas*. In LAGE, Maria Otilia Pereira, coord. — *Alto Douro e Pico, paisagens culturais vinhateiras património mundial em perspectiva multifocal: experimentação comparada*. Porto: CITCEM, p. 62-73. Disponível em <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/16359.pdf>>. [Consulta realizada em 3/1/2018].
- LOPES, Óscar (1990) — *Cifras do tempo*. Lisboa: Editorial Caminho.
- MACHADO, Álvaro Manuel (1984) — *Raul Brandão entre o Romantismo e o Modernismo*. Lisboa: M.E./ Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- MACHADO, Irene A. (1996) — *Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin*. «Revista da Faculdade de Letras – Língua e Literatura», n.º 22, p. 89-105. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/lingueliteratura/article/viewFile/114125/112013>>. [Consulta realizada em 6/7/2017].
- MARTINS, Nuno Ornelas (2018) — *As Ilhas Desconhecidas de Raul Brandão: Para além das notas e paisagens*. In *Raul Brandão 150 anos*. Porto: Câmara Municipal, p. 54-63.
- MENESES, Avelino de Freitas de (2010) — *O Vinho na história dos Açores a introdução, a cultura e a exportação*. «ARQUIPÉLAGO. História – Revista da Universidade dos Açores», 2.ª série, XIV-XV, p. 177-186.
- PANOFSKY, Erwin (1970) — *Meaning in the Visual Arts*. New York: Peregrine Books.
- PATO, João, SCHMIDT, Luísa, GONÇALVES, Maria Eduarda, org. (2013) — *Bem Comum: Público e/ou privado?* Lisboa: ICS-UL, p. 334.
- PIRES, Vera Lúcia; KNOLL, Graziela Freiner; CABRAL, Ederson (2016) — *Dialogismos e polifonia: dos conceitos à análise de um artigo de opinião*. «Letras de Hoje», vol. 51, n.º 1, p. 119-126.
- PROENÇA, Raul, dir. (1929) — *Guia de Portugal*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, p. 532-533. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- REYNAUD, Maria João (1995) — *Raul Brandão: Ficção e infância*. «Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas», série II, vol. XII, p. 233-243.
- (2000) — *Metamorfoses da escrita: “Húmus”, de Raúl Brandão*. Porto: Campo das Letras.
- RHEINEBERGER, Hans-Jorg (2013) — *Iterations*. Paris: Diaphanes.
- RIBEIRO, António Sousa, RAMALHO, Maria Irene (2011) — *Identidade e Nação na(s) poética(s) da modernidade: Os casos de Fernando Pessoa e Hugo von Hofmannsthal*. In SANTOS, Boaventura (2011) — *Entre ser e estar: Raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Edições Afrontamento, cap. 11, p. 411-435.

- RIOS, Octávio Portela (2012) — *De Trapeiros e Vencidos efabulação e história em Raul Brandão*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Disponível em <<http://www.letras.ufrj.br/posverna/doutorado/PortelaOR.pdf>>. [Consulta em realizada em 3/1/2018].
- RODRIGUES, Ernaldina Sousa Silva (2013) — *Cronotopo: algumas reflexões*. «Indícios», (4 jun.). Disponível em <<http://ernaldina.blogspot.pt/2013/06/cronotopo-algumas-reflexoes.html>>. [Consulta realizada em 14/8/2018].
- ROSA, Vasco, org. (2013) — *Raul Brandão: A pedra ainda espera dar flor-Dispersos 1891-1930*. Lisboa: Quetzal Editores.
- SENA, Jorge de (1978) — *Estudos de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- SGARD, Anne (2011) — *Le partage du paysage*. Géographie. Université de Grenoble, p. 236. Disponível em <<https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-00686995>>.
- SILVEIRA, Pedro (1953) — *Raul Brandão e as Ilhas*. «Comércio do Porto». (23 jun. 1953).
- SOUZA, Raquel Madanêlo (2014) — *Questões sociais e lirismo na prosa de Raul Brandão*. In RIOS, Otávio — *Raúl Brandão: um intelectual no entre-séculos (Estudos para Luci Ruas)*. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, p. 181-189.
- TORGA, Miguel (1995) — *Diários*, Vol. IV (1949). Coimbra: [Edição de Autor], 2 vols.
- VIÇOSO, Vítor (1999) — *A Máscara e o Sonho: Vozes, Imagens e Símbolos na Ficção de Raúl Brandão*. Lisboa: Cosmos.